



A CONQUISTA DE PRÁTICAS REBELDES NAS AULAS DE ARTES VISUAIS

Isabelle Silva Morais Carneiro da Cunha¹; Erinaldo Alves do Nascimento⁴

Universidade Federal da Paraíba, cunhaisabelle@hotmail.com; erinaldoalves@gmail.com

Resumo: O que motiva ou caracteriza uma rebeldia? Um ato de negação, agir contrário a uma causa ou um costume. Dentre este universo, o artigo apresenta as ações relacionadas com o que se entende por “ser rebeldes”, explorando as artes visuais. Para isso, aborda-se o cotidiano de uma turma do Ensino Fundamental I (5ºano) de uma escola pública localizada em João Pessoa - Paraíba, entendendo a necessidade e o direito da criança ter sua visão de mundo respeitada. Assume um caráter descritivo acerca de um relato de experiência, na disciplina de Estágio Supervisionado I, onde as coletas dos dados acontecem por observação sistemática. Utilizou como apoio teórico apontamentos da Cultura Visual, e ainda, reflexões de Rebeldia em Bakunin e Educação em Freire e Vygotsky. Sendo assim, constata que a expressão de visualidades permitiu aos educandos a liberdade de indicar causas que eles contrapõem ou ratificam, principalmente, na vivência escolar. Há uma conquista da rebeldia que: questiona, olha com criticidade determinadas situações e defendem politicamente uma transformação social.

Palavras-chave: Rebeldia, Educação, Cultura Visual.

1.INTRODUÇÃO

Como graduanda do curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cumpri o requisito da disciplina de Estágio Supervisionado I, ministrada pelo Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento, desenvolvendo trabalho com a turma de 5º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal Professor Oscar de Castro, localizada no município de João Pessoa-PB. A vivência aconteceu durante o período de abril a junho de 2015, buscou o entendimento de como as ações/características rebeldes poderiam se concretizam nas artes visuais. Contou com a assistência da Profª. Esp. Ednalda da Silva Morais Alves, que ministrava a disciplina de Artes Visuais.

Em princípio e para reconhecimento do universo em questão, destacamos o “acordo” fixado na parede do corredor principal da Escola, onde há uma tentativa de negociação de condutas que facilitam a Comunicação entre educando e profissionais da educação. Dentre todos os recursos facilitadores apresentados, considero relevante para a temática do trabalho: “aceitar pontos de vista diferentes”.



A rebeldia, substantivo feminino atribuído a quem reage contrário às regras, naturalizou - se como característica da Adolescência e está relacionada a ações negativas, como birra, teimosia e revolta. No entanto, tal conceito emergiu da necessidade social de um ideal de liberdade, conquistada através das características singulares do ser.

Considerando que

Na sociedade tradicional esperava que o homem cumprisse o destino que lhe era assegurado por tradições familiares, com o advento do individualismo, espera-se que o homem se situe, crie o seu próprio caminho, abstraindo o que o seu nascimento lhe reservava. (SOUSA & BERTOL, 2010, p. 835)

O desejo de ser escutado e ter sua postura/posicionamentos diante do mundo respeitado faz parte de todo indivíduo. Sendo assim, a experiência procurou amplificar as vozes do público infantil, por considerar que este pode modificar situações culturais já impostas por adultos ou o próprio olhar.

Em pesquisas a diversos vídeos e reportagens na internet, encontram-se Métodos, Manuais para acabar/lidar com birra infantil, são maneiras de ensinar aos pais caminhos de negociação para vencer um “mau”. Obtém-se êxito quando o Ser é moldado. No entanto, além de teoria, faz-se importante vivenciar exemplos coerentes com as regras morais/sociais.

Na escola, Disciplina (discípulo) é uma palavra chave, denominando as matérias estudadas ou comportamentos a seguir. O que se pretende é a formação de discípulos, aqueles que seguem. Perguntou-se: Segue quem? O quê? Há escolhas? Diálogo?

Resta-nos, portanto, uma boa reflexão sobre quais princípios têm se evidenciado mais em nossas relações: será o da organização, o do controle, o da obediência; ou, o do respeito, o da justiça, o da generosidade? (Vivaldi, 2014).

Centralizou-se na incumbência especificada no art.3º, parágrafo IV da LDB/1996, que destaca o respeito à liberdade e apreço à tolerância. Além de buscar processos de integração entre família – escola, e ainda, o fortalecimento da democracia. A arte visual acolhe esta causa, pois gera movimento de contestação através linguagens simbólicas autônomas, que envolve relações entre diferentes conceitos e vivências.



A experiência conquistou relevância no momento em que proporcionava, aos educando, comunidade escolar em geral, oportunidade de autoconhecimento, explanação sem medo dos elementos visuais que compõe sua identidade. É a oportunidade de conquistar uma Rebelião.

1.1 Refletindo sobre Ações Rebeldes, Educação e Cultura Visual

Considerando o termo rebeldia associado à ação de revolta/rebelar, em Bakunin (2000), este se classificaria em caráter político, pois assume o poder norteador de progresso social. Para ele, a revolta faz parte da condição humana, é um instinto/necessidade de vida e corresponde a ideia de liberdade.

No âmbito escolar as ações dos rebeldes se relacionam à delinquência, como consequência, exclui todo aquele que apresenta manifestação contrária a aparente normalidade. Por isso, é um desafio modificar um sistema de ordem disciplinar, que está associado às práticas de transgressão seguidas de punição, em construção participativa democrática.

Para Michel Foucault (1977), as “disciplinas” são os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo/mente e a sujeição constante de suas atividades. No entanto não assumem função repressiva. Elas potencializam as energias e aprimoram as aptidões do indivíduo, modificando-as em úteis e produtivas.

Ações mais transformadoras adquirem sentido a partir do momento que compreendermos o homem como ser que transita entre a constituição biológica, histórica e cultural. Sendo assim, encontrar-se sempre em processo de adaptação ao meio, para isso, se apropria de signos/linguagem simbólica como forma de comunicação. Segundo Vygotsky (1991), o indivíduo é capaz de modificar o ambiente em que vive e ele próprio, superando a ruptura entre sujeito/objeto.

Em concordância com pensamento acima, a reflexão sobre o diálogo entre os indivíduos torna fundamentada através da relação entre códigos x decodificação, nesta fase revela-se suas visões de mundo. Para Freire (1980, p.31), “sem dúvida, como o código é a representação de uma situação existencial, o decodificador tende a passar da representação à situação muito concreta na qual e com a qual trabalha”. Sendo assim, faz-se necessário apreciar todo contexto social que o educando se encontra e conceito/imagem que ele tem das experiências vividas. Esta proposta constitui-se por meio de uma comunicação bidirecional, onde todos os envolvidos têm direito/poder de falar/escutar.

Diante das diferentes visões de mundo inseridas em discurso de relações de poder, a Cultura Visual permite a comparação de vários saberes, através de uma rede imagética. Destaca-se que ela



põe símbolos em deslocamento e uma das características fundamentais é, para Nascimento (2009, p.69), “não hierarquizar as diversas imagens, gerando oportunidades de confronto, pois todas, sem distinção, contribuem para o processo de subjetivação”.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é um estudo descritivo acerca de um relato de experiência ocorrido no Estágio Supervisionado, sendo utilizada para coleta de dados uma observação sistemática.

Durante as primeiras visitas de observação, que aconteceram nos dias 16 e 23 de abril de 2015, conheci a estrutura de sala de aula. A turma era constituída de 15 (quinze) educandos.

A princípio, um fato que chamou atenção foi a divisão da turma de 5º, os meninos estavam concentrados de um lado e as meninas de outro. Posteriormente, foram misturados, mas as carteiras são mantidas distantes para evitar conversas paralelas, “bagunça” e dispersão. Verifica-se que há tentativas de manter disciplina.

A professora da disciplina de Artes Visuais estava ministrando o assunto “Comunicação”, e sempre utiliza como recurso/apoio o livro didático *A arte de fazer Arte*, dos autores: Denise Akel Haddad. Dulce Gonçalves Morbin. Priscila Okino. Sendo assim, ficou decidido que a condução de nossa temática fizesse uma inter-relação com alguns tópicos norteados neste material: Desenho e Comunicação – Arte Rupestre, Arte com Letras, Pictogramas e Imprensa Escrita.

As aulas eram divididas em dois dias por semana, devido ao tempo estimado de 45 minutos, num momento acontecia uma abordagem teórico-reflexiva, partindo do cotidiano do educando para o conteúdo; e ainda, em outro a prática que envolvia exercícios artísticos.

Diante deste contexto, as articulações no processo educacional aconteceram a partir da Educação em Cultura Visual, envolvendo atitudes que se apropriam de alguns apontamentos especificados por Nascimento (2009):

- Comparar imagens diferentes para detectar a narrativa, especialmente a “naturalizada”, efetivamente existe no presente;
- Analisar as produções artísticas, de diferentes contextos, questionadoras das interpretações vigentes no presente;
- Oportunizar diversas ocasiões para realização de trabalhos de criação que demonstre mudanças no processo de interpretação a partir das imagens.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O que os estudantes entendem por Rebeldia? Quais as normas/regras ela contrapõe?

No primeiro momento de abordagem direta com a turma procurou-se identificar o que os educandos entendiam por rebeldia e como ela era representada em ações, expressões e aspectos físicos. Cabe a ressalva que o olhar do educando é edificado por associações e práticas diárias. “O olhar não é ingênuo, ele está comprometido com nosso passado, com nossas experiências, com nossa época e lugar, com nossos referenciais” (PILLAR, 2003, p.74).

Verifica-se que metade da turma acredita que há diferença entre rebeldia, birra e teimosia. A primeira palavra está associada ao ruim e feio (roubar, matar e estuprar); com também foi relacionada a desobedecer aos pais e mais idosos, bagunçar e ter má educação ou brigar.

Em relação a características físicas, foram apontados os seguintes elementos: Cabelo vermelho e amarelo. Roupa rasgada. *Piercing* e tatuagem; Em relação a expressões corporais e verbais, foram especificadas as seguintes: estirar língua e dedo, fazer careta, falar palavrão – o grito e o empurrão.

Considerando que os conceitos intrínsecos podem ser adquiridos por diversos meio de comunicação, entre eles, a imprensa escrita. E ainda, diante da coleta de dados, continuamos nossa abordagem sobre Rebeldia através de uma temática artística principal: como o artista se própria dessa linguagem para se posicionar. Sendo assim, foi trabalhada a obra *Copo e a Garrafa de Suze-1912*, de Pablo Picasso.

Neste contexto, busca-se uma reflexão visual de arte e rebeldia.

Rompendo o layout tradicional da sala de aula, foi solicitada a disposição dos educandos em círculo e sentados no chão. No meio, disponibilizou-se folhetos de revistas *Atrevida*, elaborada para público infanto-juvenil, que continham imagens de rostos de artistas da mídia/publicidade.

Utilizando técnicas de desenho, pintura e colagem, ao final do 1º momento a turma escolheu uma das páginas da revista que contém rosto comercial, recortou e colou em folha de jornal. Depois, agregou características de rebeldia.

Como resultado dos trabalhos produzidos, as características visuais de Rebeldia foram: uso do preto, tanto nas vestimentas quanto no corpo (maquiagem); Alguns rabiscos apresentaram a forma de rasura, sem caráter figurativo (ver Figura 01); Houve desenho de *piercing* e tatuagem, estas mostravam elementos negativos (escritas – monstro, morte, sangue e otários).



Figura 01: Trabalhos produzidos 1ª atividade prática. Fonte: Acervo pessoal

Posteriormente, visando trabalhar o conceito de rebeldia destacando as normas/regras que ela se contrapõe e continuar uma sondagem no cotidiano dos educandos, o diálogo foi orientado pela temática artística principal: desenho, o elemento básico para comunicação de ideias. Sendo assim, foi trabalhada a arte rupestre.

A primeira abordagem ocorre através do questionando: Além da escrita, o desenho podia transmitir mensagens? A maioria da turma compreende que sim, e cita como exemplos as carinhas do *Facebook* ou *Emoticons do Whatsapp*.

Depois, foi solicitada a comunicação de Rebeldia através do desenho (ver Figura 02), produzido no papel com carvão vegetal. A atividade envolvia a identificação de normas/regras, através de duas imagens: 01. Não gosta de fazer, mas é obrigado. 02. Faz, mas não pode.



Figura 02: Desenhos de normas/regras que a rebeldia contrapõe. Fonte: Acervo pessoal

Na produção visual, destaca-se o fato que mais uma vez a rebeldia corresponde a fatores agressivos. Principalmente os meninos, desenharam e escreveram que gostam “*de assaltar, atirar*”. Para isso, se apropriaram de imagens de armas brancas e de fogo.



A maioria ressalta a escola e fazer tarefas de casa como a obrigação que não gostam de fazer.

3.2 Entre as imagens do cotidiano e da arte, como podemos conquistar ações rebeldes?

Partindo de orientações da cultura visual, consideramos importante apontar como a rebeldia é vista em linha do tempo, e ainda, através da visão de internet e a própria arte.

Para iniciarmos foram atribuídas e escritas características em quadro branco, que fizeram referência aos olhares e descrições especificadas pelos educandos nos momentos de aulas anteriores.

Ao mesmo tempo, foram apresentadas em projetor multimídia imagens encontradas na internet, que associavam a rebeldia. Esse procedimento buscava aumentar a percepção de manifestações visuais e conceitos. Sendo assim, foram expostas imagens de: Personagens rebeldes no mundo das celebridades (banda RBD e filme *Valente*); Ações caracterizadas por cenas de Protestos; e a Expressão corporal do choro.

Diante de nova realidade, a turma agregou características diferentes a dois fatores (ver Figura 03). Então, conclui-se que houve um enriquecimento de saber.

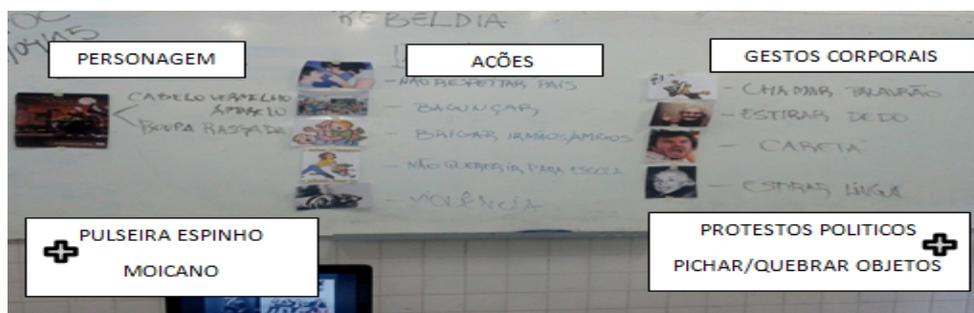


Figura 03: Características de Rebeldia Educando x Internet. Fonte: Acervo pessoal

Destacamos a associação feita entre rebeldia e protesto, esta norteou as futuras interações artísticas realizadas com a turma. A partir do momento que a apropriação da Arte possibilite uma ferramenta de manifestação da voz de quem frequenta a escola... e não gosta e é obrigado.

Seguindo este contexto e rememorando a temática artística da aula anterior, passamos a utilizar o desenho como forma de linguagem, mas agora, através do conhecimento dos pictogramas. Com auxílio do livro, os códigos diários e arte são visualizados através do artista americano Matt



Mullican que trabalha a partir da capacidade de enxergar algo, representa-lo de maneira sintética e atribuir significação.

Como momento de prática, optou-se por desenvolver interferências em pictogramas encontrados no cotidiano (*WC* feminino/masculino, placa PARE e a identidade visual dos *Anonymous*), através da técnica de isoporgravura (ver Figura 04).

Com objetivo dar representação visual às características acima de forma mais limpa e simplificada. A turma foi dividida em grupos de três. Os educandos nunca tinha vivenciado a arte dessa maneira. Em consequência do tempo, as imagens produzidas não ficaram claras, no entanto, as matrizes no isopor conseguiram representar sobre os três aspectos (personagem, ação e gestos) da rebeldia.



Figura 04: Produção que relaciona Isoporgravura e Rebeldia, Fonte: Acervo pessoal

Seguindo outra maneira dialogar a arte e pensamentos, inserimos a inter-relação entre imagens e letras. A turma foi indagada se as letras podem ser arte? Se todas são iguais? Quais as características? Forma/Linha.

Para melhor análise e sequência do tema, solicitou-se para cada educando escrever seu nome no quadro (ver Figura 05).

Posteriormente, através de projetor multimídia, ocorreu a visualização e análise das obras do artista britânico Banksy. Esse artista retrata um cenário urbano, através do grafite e gritos de uma realidade que gera desconforto. Uma arte social e política, que alerta, que marca seu ponto de vista, que ressignifica desde um parque de diversão a um ramalhete de flores.

Para prática artística, escolhemos trabalhar a letra como escultura. Brincar entre dimensões 2D e 3D. Utilizando como recursos materiais: revistas, cola e caneta. A atividade desenvolvida consistia em cada educando modelar o papel transformando-o em uma letra, que serviria de caminho para um protesto (ver figura 05).

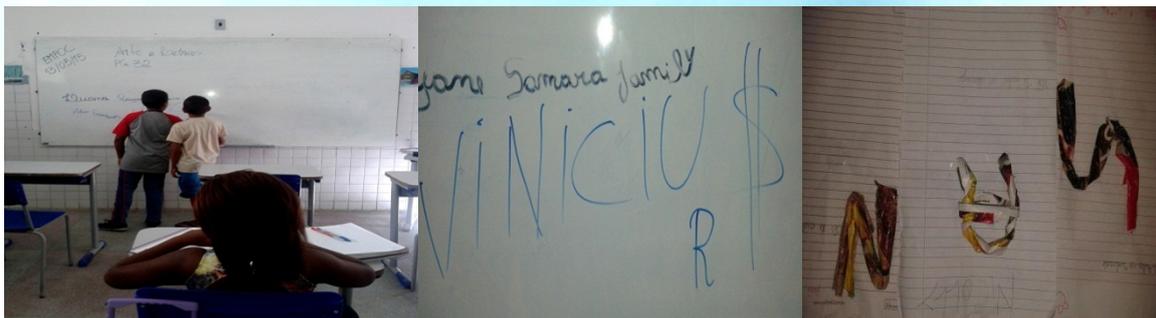


Figura 05: Arte e Letra: Nome do Educando e Protestos. Fonte: Acervo pessoal

. Ressalto que os protestos envolviam a Escola e Política, apesar do tema Violência ter ganhado destaque nos primeiros momentos como Rebeldia. Ninguém apontou: NÃO A VIOLÊNCIA.

3.3 A conquista de ações rebeldes nas Artes Visuais

Em consequência dos diálogos realizados durante nosso percurso, destacamos quatro ambientes da escola que mereciam intervenções de melhorias. Os banheiros, a quadra esportiva, a sala de aula e o refeitório necessitavam de ações que apreendessem um “alerta”, um protesto, enfim ações rebeldes. Cada grupo deveria desenvolver o ambiente que lhe foi sorteado.

Para realizarmos tal passo, enfatizamos trabalhos de quatro artistas contemporâneos que se apropriaram de espaços/objetos semelhantes. Foram eles: Vik Muniz – *Lixo Extraordinário*, Andrek Omatsu – *Construção de Valores* (2012), Ana Maria Maiol - *Arroz e Feijão* (1979) e Leonora de Barros – *Procuo-me*. Os educandos poderiam os usar como referência conceitual e visual para suas realidades.

A proposta era realizar os trabalhos de arte em grupos dentro da sala de aula, utilizando materiais fáceis de encontrar no cotidiano, sem alto custo. Tendo o papelão, como item comum em todos os grupos, seria necessário explorar a imaginação. O **Grupo 01** trabalhou reivindicações na Quadra, através de: caixa de papelão, lixeira e sacos plásticos para recolher material reciclável encontrados no chão do local; o **Grupo 02** trabalhou reivindicações na Sala de Aula, através de: caixas de papelão, revistas antigas e grade de ventilador; o **Grupo 03** trabalhou reivindicações no Refeitório, através de: papelão, guardanapo, discos de isopor e copos plásticos; o **Grupo 04**



trabalhou reivindicações no Banheiro, através de: papelão, fibra de plástico/isopor e embalagem protetora de móveis.

Após a conclusão das produções finais iniciamos com os educandos uma conversa sobre o trabalho realizado por eles, explicando que como nos trabalhos realizados pelos artistas citados, o deles também se apropriou de uma boa causa/intenção. No entanto, possui um caráter momentâneo, sendo esta uma atribuição da Arte Contemporânea.

Solicitei que cada equipe defendesse o seu trabalho- sua causa, dentro de cada ambiente especificado. Caminhamos em toda escola proporcionando o “grito”, as vozes emitidas com respeito. A rebeldia pode ser conquistada porque os argumentos ganharam vida através de uma linguagem visual que almejava proposta de renovação. A violência e agressão foram substituídas por união.

A dupla que tinha a Quadra como ambiente, depois da coleta de material reciclável, desenvolveu o trabalho da mesma maneira que Vik Muniz. Através de desenho prévio – representando as educandas-, foram juntando as diversas peças. Quando apresentaram o trabalho – com nome *O lixo não é bom* (ver Figura 06), apontaram a situação precária de falta de limpeza. Verificando a ausência de lixeira no local, levamos um recipiente novo para deixar lá. A professora de Educação Física, presente no momento e sendo a que mais se apropria do espaço, tentou defender a situação atual, informando que está em luta constante, enviando alguns memorandos a prefeitura com solicitação de intervenção, no entanto, nada foi modificado até então.

O grupo que ficou com Sala de Aula, entre vários objetos quebrados – armários sem portas, janelas e ventiladores – escolheu este último para representar na produção final. A construção formal da ideia ficou parecida à obra de Andrek Omatsu, no entanto, aqui eles rechearam de cor, utilizando as complementares vermelho e verde. Na apresentação de *Ventilador e as folhas* (ver Figura 06) apontaram o protesto junto ao movimento das folhas de revistas agrupadas em pedestal. Que posterior à ligação de único ventilador funcionando, se espalharam pela sala.





Figura 06: Obra O Lixo não é Bom/ Obra Ventilador e as Folhas. Fonte: Acervo pessoal

A próxima produção fez referência ao Refeitório, este grupo também transmitiu uma relação formal direta com a obra de Ana Maria. A apresentação foi acompanhada por alguns educandos de outras turmas, merendeira e coordenadora pedagógica. Todos nos reunimos à mesa para isto. Considero importante apontar que a fome dos educandos, não foi algo concreto – o alimento/substância. No entanto, apontaram a carência do intocável: educação, limpeza e de amor. O nome da obra foi *Fome de Grito* (ver Figura 07).



Figura 07: Obra Fome de Grito / Obra Os meninos do banheiro. Fonte: Acervo Pessoal

Por último, outra produção fez referência ao Banheiro – *Os meninos do banheiro* (ver Figura 07). Diferente dos demais grupos, este fugiu da relação formal da obra de Leonora de Barros. Poderiam ter criado símbolos para pequena intervenção no banheiro, no entanto, foi construída uma “maquete” o ambiente ideal. Para isso, eles agregaram uma imagem de pia DECA (fabricante de louças sanitárias), encontrada em *Revista Casa Claudia*. Durante a apresentação ficamos na porta do banheiro e protesto era direcionado a limpeza, reparação de descargas e pia. Fala de um dos integrantes do grupo “Não precisa ser perfeito, mas limpo”.

4. CONCLUSÕES

Desenvolver o assunto Rebeldia com os educandos acabou acrescentando muitos outros aprendizados. E a grande dificuldade, além de recursos materiais, foi limitar uma intervenção de caráter arte política, onde possuímos problemas sociais e antropológicos.



Não quisermos destacar as técnicas das artes visuais trabalhadas durante as semanas, mas a construção de um novo olhar para o cotidiano. Através da arte podemos falar e adquirir respeito ao pensamento. Entre o universo dos desenhos em carvão a páginas de revista, os educandos mostraram as relações que possuíam com o ambiente escolar.

Apontaram problemas e sugeriram soluções, escolheram e defenderam a “Boa Causa”. O comprometimento de cada educando, foi percebida diariamente na execução das atividades e nas avaliações. Salientamos que foram respeitadas suas identidades e seus ritmos.

É um desafio partimos para a transição de uma má rebeldia que envolvia violência, maus comportamentos e personagens caricatos para inserirmos a rebeldia que envolve cada/qualquer um de nós numa força psicomotora que atribuí um significado a novas conquistas, que desenvolve a crença e esperança no poder de uma boa causa.

Ressalto como proposta futura expandir nosso grito, envolver mídias digitais e de relacionamento. Trabalhar mais essas insatisfações além da escola.

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, M. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1977. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 10.
- NASCIMENTO, E.A. *Imagens em deslocamento: possibilidades de articulação a partir da cultura visual*. Imagens e Deslocamento: Educação e Visualidade - Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte, v.8 n. 1 2009. - Brasília: Editora PPG - Arte UnB, 2009. Janeiro/Junho de 2009. Semestral, p. 68-76. ISSN - 1518-5494
- PILLAR, Analice Dutra. *A educação do olhar no Ensino da Arte*. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2. ed São Paulo: Cortez, 2003. p. 71-82.
- SOUSA, M. & BERTOL, C.E. *Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias*. Psicologia, Ciência e Profissão: Universidade Federal de Santa Catarina, 30 (4), p. 824-839, 2010.
- VIVALDI, F. *Escola também é lugar de tecnologia*. Disponível: <http://gestaoescolar.abril.com.br/blogs/aluno-em-foco>. Acesso em 2014.
- VYGOTSKY, L.S. *Formação Social da Mente*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.